

A artista fotografada junto à sua obra, no seu atelier na Fundição de Oeiras. Joana Vasconcelos vestida pela própria.

Leonor Xavier, “Olhar o espaço”, *Máxima*, Lisboa, Dezembro de 2007, pp. 102-106

Olhar o espaço

Desliza pelo gigantesco atelier, arquitectura à escala das peças que cria, projecta, realiza, e vai mostrando, apontando, descrevendo. O nome de *Joana Vasconcelos* corre mundo e a obra estimula o pensamento.

POR **LEONOR XAVIER** ● FOTOGRAFIA DE **RICARDO QUARESMA VIEIRA**

Em Outubro, teve o imenso *Sapato* exposto no jardim do Palácio de Belém. *A Burka* está no mais novo Museu de Istambul, porque o véu islâmico tem significado universal e a vida das mulheres segue em via dupla além do tempo e das culturas. Em Novembro, são seus os cenários do bailado *E Dançaram para Sempre*, de Clara Andermatt, em Lisboa. Sabe o seu mérito, não entrega a mãos alheias a itinerância da sua obra por vários países e continentes. Joana Vasconcelos é uma figura incomum.

Quer contar desde o princípio?

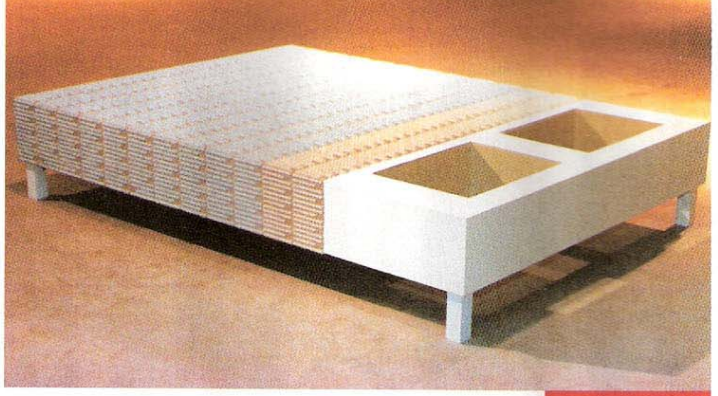
Nasci em Paris, vim com três anos para Portugal. Os meus pais estavam exilados. O meu pai era fotógrafo, tinha uma casa de artes gráficas, fazia edições de revistas e jornais. Em 1974, depois do 25 de Abril, largaram tudo e voltaram. Ele veio trabalhar como fotojornalista. Tenho uma irmã mais nova, que faz joalharia.

O que ficou de França em si?

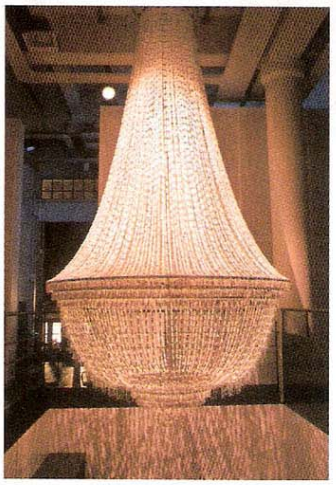
Ficou a língua. Estudei no Liceu Francês, depois saí para os liceus portugueses. Comecei num Projecto Piloto na Escola A Diese, depois fui para o Liceu Marquês de Pombal e daí para a Escola António Arroio, que ainda foi uma grande escola com uma boa estrutura técnico-profissional. Fiz uma série de oficinas com vários professores. Electrotecnia, bordados antigos, numismática. Fui aluna do professor Isolino Vaz, ele achou que eu devia ir para a António Arroio, teve a percepção de que eu tinha um sentido artístico. Na António Arroio, onde conheci muita gente interessante, andei três anos. Depois andei sete anos no Ar.Co.

Queria ser artista plástica?

Não tinha essa ideia. Sempre fiz trabalhos manuais, como todos os miúdos. Dando-lhes o espaço que uma pessoa que entra pela área das artes lhes dá. Passei pela fase normal em que cada um de nós vai encontrando um caminho. De Linda-A-Velha para as Olaias era preciso atravessar Lisboa inteira, tomar três autocarros, demorar mais de um hora até lá, e o mesmo para voltar. Gostava mesmo da Escola, era pelo gosto que ia. Fiz Desenho e Joalharia. Tive a vantagem, a sorte, de poder viajar com os meus pais em Portugal, em França, em Espanha. Cheguei aos 18 anos já tendo visto coisas que as pessoas da minha geração não viram. Turner, Bacon, *Guernica*, *Mona Lisa*. No final dos estudos não fui tirar a carta de condução, mas pedi aos meus pais para fazer um Interail. Fui viajar pela primeira vez sozinha, para conhecer outras culturas. Saí de Lisboa para Paris e depois para Berlim. Tinha 17 anos.







Em cima, a cama *Valium*. Ao lado, à esquerda, *A Burka* e o famoso lustre *A Noiva*, feito com 40 mil tampões higiénicos.

go até hoje. Fazia jóias e fiz chapéus de esferovite e, em 1994, fui convidada para as Manobras de Maio. Comecei a trabalhar em projectos para ópera, trabalhei em adereços e cenografia para *As Troianas*, o Filipe Faísca fazia o guarda-roupa do Teatro de São Carlos e eu fazia as jóias. Já andava nas exposições, comecei com uma colectiva em 1994 e em 1996 fui convidada para Serralves. Em 2000 tive o Prémio EDP para os novos artistas, com uma exposição no Museu da Electricidade.

Como se dá o seu processo de criação?

Eu trabalho a recontextualização desses objectos que toda a gente tem em casa. Trabalho-os para a contempo-

"Trabalho a recontextualização desses objectos que toda a gente tem em casa. Trabalho-os para a contemporaneidade, dou-lhes uma nova forma."

Pode falar-se de si em termos de geração?

O meu marido também fez a António Arroio e o Ar.Co, em Arquitectura. O Noé Sendas fez o mesmo percurso, e o Francisco Tropa e a Catarina Campino. Há uma geração muito portuguesa de artistas plásticos. Cada um com o seu estilo e personalidade, em comum têm que o país tenha dado condições a uma geração para poder existir. Nós somos a primeira geração na verdade livre. Os que têm mais cinco anos que nós ainda estudaram em ditadura. Somos os primeiros a fazer os estudos na primária, no liceu, no ensino superior fora da ditadura.

Como se descobriu?

No Ar.Co, mais institucionalmente, estudei para ser artista. A minha geração deixou a Escola de Belas-Artes e tudo o que era mais tradicional e foi para as escolas alternativas. No Ar.Co conheci artistas, alguns eram convidados vindos de fora, foi engraçado. Vimos que era possível ser artista plástico. Íamos às exposições deles, a profissão deixou de ser abstracta, passou a ser uma hipótese de realidade.

O ambiente da escola influenciou-a?

Era muito especial. Eu andava em Desenho e Joalharia, o meu namorado andava na Escultura, tínhamos aulas de Estética, cada um compunha o seu currículo. Havia uma versatilidade que me permitiu escolher a formação de que eu gostava. Eu passava de umas aulas para as outras, deixaram-me sempre experimentar o que eu quis, posso dizer que pintei a manta, nos sete anos em que lá estive. Ao sair do Ar.Co, entrei no mundo real, fui convidada para exposições colectivas. O meu primeiro atelier foi de joalharia, fui procurar a Clara Vicente, que era a boa aluna de Joalharia, ela está comi-

raneidade, dou-lhes uma nova forma, transformo-os num objecto maior, mudo a escala, dou-lhes uma relação com a arquitectura. A ideia leva-me à escolha do material. Se penso em vestidos de noivas ou filigranas, vou fazendo associações mentais e resolvo fazer um lustre, que é a noiva feita de tampões.

Na Bienal de Veneza em 2005, surpreendeu com um lustre feito de 40 mil tampões higiénicos.

Escolho um material, repito-o muito, e neste mundo de repetições ele fica abstracto. Entre consumir a peça num primeiro instante e desconstruí-la, tento desencadear o pensamento. *O Coração Independente* é um coração de Viana do Castelo feito de talheres de plástico. *A Noiva* é a peça que foi ao palco maior europeu das artes plásticas que é Veneza, e que tem uma visibilidade incrível. Agora está em Inglaterra, tem seis metros de altura por três de largura.

Porquê tais dimensões?

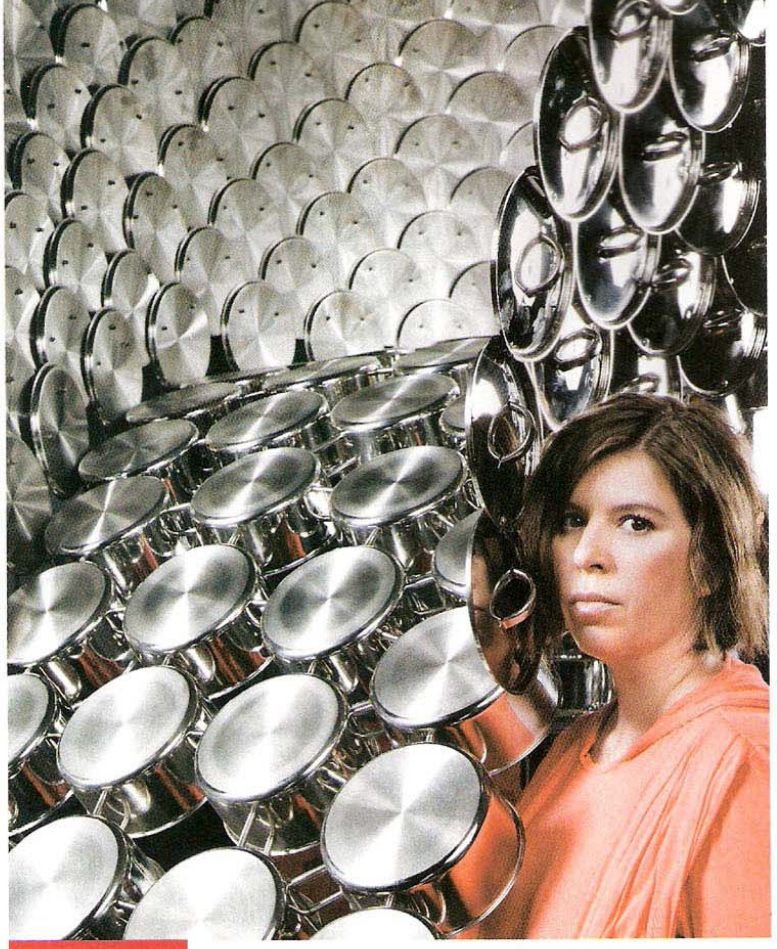
As minhas peças têm relação com a arquitectura, penso nelas para que não sejam um adereço mas uma parte da arquitectura. Em Veneza, no espaço onde se expôs *A Noiva* havia quatro colunas com 90 cm de largura. *O Sapato* é feito da panela 16, que é a panela do arroz. Para que a tampa da panela seja uma lantejoula, tenho de ampliar a peça à escala. Para isso usei 149 panelas e 266 tampas.

Que técnica usa?

Uso mais a joalharia. O processo técnico de fazer um anel é de um grande rigor e exigência, implica olhar, pensar, representar. O desenho e a joalharia obrigam a pensar, e a pensar a técnica.

A técnica ao serviço de que ideia?

Uma coisa que faço é trazer coisas do privado para o pú-



Em cima, Joana Vasconcelos com a sua última obra, *O Sapato*, feita com 149 panelas tamanho 16 e 266 tampas.

blico. A mulher fica fechada nos trabalhos domésticos de pequena escala. Quando eu trago a renda, o bordado, o cozinhado para uma escala pública, dou-lhe outra visibilidade. O tampão, *o crochet*, o garfo, a garrafa são internacionais, é uma linguagem globalizada, tem a ver com as mulheres de todo o mundo. Em 2006, fiz *A Ilha dos Amores* com umas esculturas de cimento cobertas de renda que eram as Cariátides. Pensei no Canto Nono d'*Os Lusíadas*, que ninguém podia ler na escola, aquele em que a recompensa dos navegadores se dava numa ilha cheia de ninfas e deusas. As mulheres eram um prémio, e no terrorismo o motivo ainda é o mesmo. A mulher é a moeda de troca para os grandes feitos dos homens de Camões. Até hoje, não mudou.

É feminista? Denuncia a condição das mulheres?

Sou feminista, criticando as mulheres. A mulher está sempre a trabalhar no interior, está perdida no seu interior, começa a descobrir que existem outras coisas. O objectivo é o pensamento, através da inteligência. Critico as mulheres que mantêm o discurso feminista, que é conservador, que não evoluiu.

Tão nova, casada tão cedo, como vive o casamento?

Aos 17 anos, namorámos. Gostamos de viajar, de ir aos cinemas, aos teatros, aos *ballets*, aos concertos de *rock*, à ópera. Andamos activos pela vida. O meu marido faz remodelação de casas, e acompanha criação de alguns edifícios novos do velho para o novo. Aprendi a olhar o espaço através da arquitectura do meu marido. Passo da realidade para a irrealidade, é o oposto dele. Partimos de pontos diferentes.

Sente-se uma artista intrigante para o público?

As pessoas olham para as minhas peças e interpretam-nas de maneiras diferentes. Dizem coisas incríveis, o que demonstra que o objecto tem capacidade de comunicar com diferentes sensibilidades.

E que é uma figura polémica no meio das artes plásticas?

Tenho feito um percurso internacional que não faz parte das estruturas nacionais. As pessoas ou procuram saber ou dizem logo mal. A minha crítica é que sou "aquela do *crochet*", sou igual a todas as que ficaram fechadas em casa, que não podiam sair, estudar, trabalhar. Sou criticada pelas mulheres. Não tenho galerista cá, nem agente. Tenho de enfrentar os entrevistadores de rádios e televisões, os clientes e os directores. Tenho de ir e vou. E dizer a verdade nem sempre é cómodo. Há velaturas, há tanta coisa que a nossa tradição do véu impede de exprimir. Por isso fiz *A Burka* com sete saias da Nazaré por baixo. Disseram que eu estava maluca. Tem um motor, um mecanismo que faz subir a *Burka*, como se fosse a Ascensão de Nossa Senhora, e depois cai.

É uma carta fora do baralho?

Posso ser. Como não sou ligada às estruturas, tenho uma liberdade de fazer o que dá na gana que as pessoas do poder apreciam. Acham que devem trabalhar com quem tenha autonomia e liberdade de expressão. [Em 2006, ganhou o Prémio de Escultura da Fundação Berardo com *Néctar*, um castiçal feito de garrafas de vidro no Japão com garrafas de saquê.] Quando conheci o Berardo, ele perguntou: "Quem é?" "Sou artista plástica." "Quer alguma coisa?" "Não. Quero receber o meu prémio."

> *"O tampão, o crochet, o garfo,* a garrafa são internacionais, é uma linguagem globalizada, tem a ver com as mulheres de todo o mundo."

Como define o seu trabalho?

É fruto de muito trabalho. De pensamento, de produção, de organização. As ideias e os projectos são meus. Para que saia uma peça do meu caderno até uma exposição, muito tem de ser feito. As pessoas vêem-me com uma vida muito facilitada, com muitas ajudas. Mas não é verdade que seja fácil. Tenho comigo uma equipa, são entre seis e 15 pessoas. E sempre o Fernando Monteiro, que se ocupa do lado técnico, o meu marido, Duarte Ramirez, a Clara Vicente.

Sabe que uma ideia será uma peça sua?

Há muitas perguntas que me faço, não me divirto a fazê-las, muitas delas só têm resposta no fim. ●